

Considerações finais

O percurso temático, metodológico e analítico deste livro teve como ponto fundamental construir uma resposta à nossa pergunta de base – a saber, como a experiência de “ser jovem” na vila periférica da região metropolitana de Belo Horizonte pode ser problematizada como um processo de interseção atravessado por discursos e representações (no caso, o programa *Malhação*) e pelas singularidades dessas experiências vividas cotidianamente. Resgatamos várias questões evidenciadas por nosso estudo, para delinear alguns apontamentos finais.

Ao construir suas narrativas, o programa *Malhação* inscreve nas histórias imaginárias sobre o viver cotidiano do jovem, com seus temas e conflitos, um *conjunto de sentidos* que toca a experiência desses sujeitos. A partir daí, o programa cria um especial envolvimento do jovem com a própria narrativa. Eco ilustra esse envolvimento ao propor a ficção como um “bosque” onde o leitor deve “passear”. Os bosques, como a

ficção, não se permitem conhecer por um olhar distanciado. Assim, “a obra de ficção nos encerra nas fronteiras de seu mundo e, de uma forma ou de outra, nos faz levá-la a sério” (ECO, 1999, p. 84). Para Eco, “as afirmações ficcionais são verdadeiras dentro da estrutura do mundo possível de determinada história” (ECO, 1999, p. 94).

A ficção seriada *Malhação* colocou-se como um lugar rico de análise para nossa pesquisa. O imaginário escolar do programa carrega, em si mesmo, elementos das relações diárias dos jovens com a escola. A escola é apresentada como espaço de encontro, onde os personagens jovens vivenciam parte de suas histórias e de suas experiências juvenis. Espaço de relações coletivas no qual os jovens se encontram com seus pares, com seu grupo, com seus amigos. Há uma criação arquitetônica que promove a interação desses mesmos personagens com a escola, dando visibilidade a um conjunto de relações ali construídas. Nessas relações, inclui-se a sala de aula, ora apontada como lugar do ensinar e aprender (onde o vínculo cognitivo é base da relação professor aluno), ora construída sobre ruídos em que as histórias dos personagens jovens e o cotidiano do colégio Múltipla Escolha vão se entrelaçando. Simultaneamente a tais elementos de relação entre as histórias dos personagens jovens e o colégio Múltipla Escolha, o programa abre o entendimento da escola como um espaço propício para a discussão de temáticas emergentes, como a questão da dengue.

Tomando o conjunto dessas considerações, foi possível perceber o colégio Múltipla Escolha como imaginário escolar plural. Apontamos tanto esta representação plural do colégio quanto a apresentação do personagem jovem como interlocutor ativo: uma estratégia de produção, pela qual o programa foi avaliado positivamente pelos jovens. O modo de contar e fazer imaginar as suas histórias, bem como o modo de integrar nessas histórias os elementos do cotidiano juvenil, fazem com que os mundos possíveis da ficção *Malhação* sejam levados a sério pelos jovens e criem tanto projeção como identificação com as histórias, com os personagens e com os cenários criados.

No conjunto das três categorias analisadas, podemos observar que o discurso que mais ressalta das histórias criadas são as representações do jovem como um sujeito sensível e disponível, solidário e proativo. Esses quatro qualificativos se repetem em todas as histórias narradas no programa. Observamos, inclusive, que a própria escrita das histórias, o modo de narrar e a sequência das cenas evidenciam tais representações. As histórias sempre se iniciam com uma situação problema. Essa situação, por sua vez, chega até a sala de aula e convoca os jovens personagens a participarem da discussão. A partir deste momento, os personagens debatem as questões, propõem soluções e configuram uma forma de agir, resultando numa ação prática. No caso *dengue*, por exemplo, os personagens jovens promoveram discursos

de informação; sugeriram e executaram o mutirão contra a doença; criaram e assumiram a Rádio Múltipla Escolha.

É preciso registrar, também, que esta escrita, configuração, representação do colégio Múltipla Escolha se distancia em muitos aspectos da vivência escolar dos jovens da vila analisada, uma vez que a experiência escolar desses jovens é composta de um conjunto de contrastes, conflitos que se distanciam da escola ideal visualizada em *Malhação*. Além disso, não visualizamos, no tratamento das temáticas, uma preocupação em mobilizar discussões mais aprofundadas em torno dos debates propostos. Ao contrário, as temáticas se concentram em informações simples, sem muito detalhamento nem abordagem mais ampla das suas complexidades. Os temas são tratados na perspectiva do “politicamente correto”, que visam responder a pequenos conflitos surgidos no cotidiano do colégio, como: O professor Peixotão é autoritário? Neste momento, sempre é aberto um binômio de opiniões: os que são contra, os que são favoráveis; os sensíveis, os não sensíveis; os solidários, os não solidários. O que se percebe, na criação das histórias, é a preocupação em mobilizar discursos sobre a prática juvenil: tanto a participação do personagem jovem no processo de aprendizagem quanto o seu envolvimento com temáticas emergenciais. O grande foco das histórias é colocar os jovens personagens em plena ação, delineando os qualificativos do jovem atuante, solidário e sensível. A isso se soma o viés educativo, ênfase que o programa assume na criação de suas histórias.

Para os jovens da vila, a escola teria (ou não) um papel importante no desenvolvimento da cidadania juvenil e na formação dos jovens como sujeitos autônomos? Ao olharem para as histórias narradas no programa *Malhação* e ao construírem discursivamente suas experiências escolares, a grande preocupação dos jovens foi delinear um olhar positivo sobre o "ser jovem". Essa positividade veio a afirmar os qualificativos de sujeito proativo, solidário e disponível representados nas histórias de *Malhação*, mas, ao mesmo tempo, pontua uma série de conflitos da relação jovem e escola que não estavam presentes nas histórias do colégio Múltipla Escolha. Por exemplo, no programa *Malhação*, as imagens do bom e mau aluno estão fixadas sobre questões mais cognitivas. O bom aluno é o que faz todas as atividades do colégio e é aprovado, o mau aluno não tem responsabilidade com as tarefas escolares e é quase sempre reprovado. Ao dialogarem com esses estereótipos, os jovens sinalizam para além da questão da cognição, uma experiência escolar em que a questão étnico-racial é um ponto de distinção entre o bom e o mau aluno. Na fala deles, o jovem negro é, muitas vezes, considerado mau aluno.

Outros conflitos pontuam a singularidade da experiência desses jovens com a escola: falta de diálogo com a cultura juvenil, falta de uma relação mais afetiva entre eles e a escola, a não identificação de muitos deles com a vida escolar, a deslegitimação do papel do professor. Esses pontos sinalizam para a especificidade da experiência escolar deles em

comparação com a vida escolar configurada no programa *Malhação*. Os jovens marcam um conjunto de contradições e de conflitos entre suas vidas cotidianas e a escola. São essas contradições e conflitos que vão delineando diferenças das histórias juvenis narradas no colégio Múltipla Escolha e a real experiência vivida pelos jovens pobres nas suas escolas. No caso de *Malhação*, a passagem dos personagens jovens pelo colégio não apresenta conflitos ou contradições, no máximo alguns ruídos. Os jovens personagens estão satisfeitos com seus professores, não reclamam do currículo escolar, passeiam pelos vários ambientes da escola sem sofrerem nenhum tipo de sanção. Enfim, são relações sem embates cotidianos entre as histórias juvenis e o cotidiano do colégio Múltipla Escolha. Além disso, a dedicação aos estudos não é atravessada por outras responsabilidades, a maior preocupação dos alunos do Múltipla Escolha se volta para o vestibular.

Ao contrário, as experiências dos jovens da vila indicam outras variáveis das suas relações com a escola. As interações dos jovens com a escola estão revestidas por muitos conflitos. Esses conflitos passam por sentimentos de insatisfação com o currículo escolar, com a construção arquitetônica da escola, com a experiência de anonimato dentro da sala de aula, com a falta de diálogo entre o cotidiano juvenil e o cotidiano escolar, a constante relação de conflitos entre eles e seus professores. Tudo isso vai se complexificando devido à própria situação do jovem aluno que a escola pública recebe: alunos marcados por grandes déficits social-econômicos, por falta de inclusões

mínimas ao mundo da cultura, do trabalho, da modernidade. Histórias de vidas marcadas por frágeis vínculos humanitários. Porém, ao apresentarem esses conflitos, os jovens não estacionam em reclamações sobre suas vidas escolares, mas vão pontuando os vários encontros e desencontros entre juventude e escola na contemporaneidade.

Os discursos juvenis acenam tanto para o que eles têm vivido *na* escola como para o que eles esperam *da* escola. Nesses discursos, os qualificativos do jovem atuante, sensível e solidário projetado nas histórias do programa *Malhação* ganharam um tom bastante complexo. Na maior parte dos debates, eles manifestam a necessidade da escola se abrir para o diálogo com os jovens. Esse diálogo promoveria a interlocução do cotidiano juvenil com o cotidiano escolar, permitindo que o jovem trouxesse, para aquele espaço oficial, a sua própria história, o seu modo de ver, de sentir, de dizer. Neste diálogo, entraria a dimensão educativa do encontro: o *encontro* como forma de fazer significar a diversidade educativa da escola, desenhando um *cotidiano* que se constrói nas múltiplas relações que ali ocorrem (Cf. DAYRELL, 1996). Aqui, os jovens não seriam apenas sujeitos passivos nas relações com a escola. Ao contrário, este primeiro momento de encontro abre a relação entre jovens e escola aos elementos significativos do cotidiano deles, configurando uma contínua rede de conflitos e negociações diariamente construídas, na qual os jovens são sujeitos atuantes; pois estas relações exigem a “troca de ideias” que dinamiza o jogo das interações.

Mediante a chamada "troca de ideias", os jovens se inserem de modo ativo no espaço escolar, estabelecendo relações complexas que mesclam aspectos cognitivos, afetivos e valorativos, pelas quais os sujeitos interagem e se constroem. É essa inserção de cunho mais complexo que favorece o "ser sujeito", narrando e interpretando vivências, assumindo e confrontando sentimentos e opiniões.

Constitutiva deste espaço de interlocução, a arquitetura revelou um sentido importante: o "ser sujeito" na escola reflete-se, também, no modo como o jovem se relaciona com os espaços concretos (entrada, pátio, sala de aula, quadra de esportes). Se a arquitetura escolar não dá a ver ou não possibilita as relações, torna-se um espaço pouco significativo, onde os sujeitos estão em anonimato. Ao contrário, o desenho dos ambientes, a estética da sala de aula, a higiene e mesmo os adornos apontam para um olhar pedagógico mais sensível aos sujeitos que ali se encontram. Quando a arquitetura é planejada, tendo como foco os sujeitos que por ela vão transitar, esta contribui para os encontros interpessoais, atraindo, convidando e motivando. Quando bem cuidado, o espaço escolar proclama a dignidade daqueles que ali se encontram. Nas suas falas, os jovens interpretam os sinais contidos no espaço escolar, quando este reprime e intimida, ou quando acolhe e abriga relações. Afinal, é ali que os jovens agem e interagem. Portanto, quando há uma "pedagogia" inscrita na arquitetura escolar – a limpeza, o decoro e a estética do ambiente –, ela intensifica a mobilidade relacional entre

jovem e escola, promovendo, também, a ação protagonista dos jovens. A partir daí, o sentido de pertencimento à escola se abre para o sentido do cuidado pela escola, ampliando o diálogo do jovem com a instituição escolar.

Neste quadro, percebemos que é a questão da dialogicidade que dá sentido maior para o papel interativo e proativo do jovem. A falta de diálogo, na visão deles, acarreta uma série de consequências: os sujeitos se anulam; o professor se resume a passar conteúdo; o aluno se limita a recebê-lo. Essas simplificações das relações no ambiente escolar impossibilitam olhares mais abrangentes a respeito das identidades ali construídas. Em vários momentos, nos grupos de discussão, os jovens tentam desfazer o olhar simplificado do aluno apenas como sujeito cognitivo, acrescentando a este o ser jovem alegre e expressivo, ativo e bem disposto, sensível e solidário.

A interface entre comunicação e educação é outro ponto-forte de intersecção entre os modos de representar o ser jovem no programa *Malhação* e o viver juvenil na vila. Como já demarcado em nossa pesquisa, a interface entre esses dois campos do conhecimento tem sido fruto de debate de vários autores. A ação dos dispositivos midiáticos sobre a conversação dos jovens, sobre o seu modo de ser e estar com as outras pessoas, sobre sua linguagem e, sobretudo, sobre o seu modo de olhar e de ver as "coisas" no mundo, veio enfatizar o quanto a experiência de ser jovem no mundo contemporâneo sofre afetação desses mesmos dispositivos. O processo de sedução,

de negociações e apropriações de sentidos experimentados pelos jovens diante dos produtos midiáticos interfere, de forma significativa, nos seus modos de ser jovem.

Tanto o envolvimento dos personagens jovens de *Malhação* quanto a relação cotidiana dos jovens da vila com os dispositivos midiáticos diz de um cruzamento entre mídia e vida juvenil. De um lado, no programa, visualizamos a relação jovem e mídia “invadindo” o espaço da escola: conversas ao telefone celular; interação por meio de *e-mails*; troca de recados pela rádio do colégio. Por outro, na vil, os jovens se encontram na casa dos amigos para navegarem na internet, indo a *Lan houses* para se divertirem com os jogos ou usando o celular como meio de conversação.

O impacto da mídia na vida juvenil faz com que a escola receba um “sujeito” atravessado por estas possibilidades múltiplas de aprender, de conviver, de olhar e de sentir. Aqui também é preciso demarcar a diferença que se apresenta entre os jovens personagens de *Malhação* e os jovens da vila. Na representação dos jovens e mídia no programa *Malhação*, o acesso dos jovens às novas tecnologias não apresenta nenhum conflito, os jovens têm acesso garantido às novas tecnologias. Para os jovens da vila, esse acesso é escasso, o contato deles com essas novas tecnologias se dá, na maioria das vezes, pelas táticas cotidianas que eles próprios vão construindo. Isso demarca, novamente, o quanto a vida juvenil

apresentada no programa *Malhação* privilegia a história dos jovens de classe média.

Outro fator que toca nos modos de ser jovem na vida contemporânea é o fato da mídia ampliar os espaços de interação dos jovens. Vimos que, para além do tempo cronológico e do limite geográfico, a experiência de ser jovem se faz pela relação direta entre o tempo presente (experiência do aqui e agora) e o tempo do possível (experiências potenciais, prometidas pela ampliação midiática). Abrindo novas formas de interações virtuais, a mídia cria este “tempo do possível” que envolve desejos, afetos, relações e promessas. Neste quadro, a experiência da juventude na sociedade contemporânea é “sempre menos um dado e sempre mais uma realidade construída através de representações e relacionamentos; cada vez menos um *já feito* e cada vez mais um *fazer-se*” (FABBRINI; MELUCCI, 2004, p. 69).

Ante o largo horizonte aberto pelo “possível”, os jovens voltam a discutir o papel da escola e dos adultos nesse cenário complexo de possibilidades, no qual as escolhas deverão, de algum modo, situar-se. Ao questionarem o padrão imóvel das suas aulas e a pouca interação entre vida juvenil e vida escolar, os jovens questionam, também, a aprendizagem baseada no livro, no ler-copiar-decorar conteúdos do quadro, trazendo a experiência do viver em um mundo em movimento, dinâmico e colorido. Neste sentido, o papel educativo da escola não se limitaria ao incremento da didática com

recursos midiáticos, mas se traduziria especialmente na função de “nortear” a navegação dos jovens neste oceano de possibilidades, referenciando suas rotas e escolhas. Eles acenam à importância da participação dos adultos (aqui o professor) para a efetivação das suas escolhas e discernimentos no presente da vida cotidiana. Para isto, apontam para a necessidade de os adultos serem uma presença significativa e um canal interativo de valores, de forma a estabelecer uma relação dialética entre as antigas e as novas gerações, pois, muitas vezes, os jovens ficam abandonados à própria juventude, devido à incapacidade dos adultos interpretarem o “já vivido” (pensar a vida como processo), preferindo repropor modelos aparentemente mais seguros e fixos que – destituídos do ritmo cotidiano – perdem humanidade e significado para os jovens.

Fabbrini e Melucci sugerem duas coordenadas para se aproveitar o capital humano das gerações na tarefa educativa: 1) *propor a narrativa das vivências, e não o emblema dos modelos*: em vez de ensinar no que se deva crer, pais e mestres deveriam narrar aos jovens como eles, de fato, têm crido; em vez de enunciar como se deva viver, pais e mestres deveriam narrar aos jovens como eles, de fato, têm vivido. 2) *reenviar as responsabilidades, em vez de fazer propostas unilaterais*: as vivências narradas propiciam uma relação de crescente reciprocidade entre jovens e adultos (pois partilham a mesma humanidade); a partir daí, quem ensina reenvia a responsabilidade ao aprendiz, devolvendo as mesmas questões sob

nova luz, sem, com isto, cair em enunciados unilaterais – já que o próprio ensinador expôs sua real condição ao narrar as vivências (Cf. FABBRINI; MELUCCI, 2004, p. 127-134).

Em síntese, as interseções entre os discursos de *Malhação* e as práticas de ser jovem na vila – no que se refere às relações dos jovens com a escola – apontam, com seus conflitos e limites, para a tarefa de educar no sentido dialógico. Na perspectiva dialógica, não haveria nem ator no singular, nem atores no plural, mas sim *sujeitos em comunicação*. Mais uma vez nos aproximamos de Paulo Freire (1983) ao enfatizar que, se não há diálogo, a educação fica vazia de criticidade, devido à passividade e condicionamento de ambos os sujeitos do processo. Já que não há conhecimento desprovido de significação, a compreensão da realidade não é uma relação mecânica de signo-coisa. É a interação entre sujeitos-realidade-sujeitos que estabelece significados *para* e *no* mundo. A complexidade dessa interação está exatamente no conjunto relacional das vidas que ali se encontram.

Com essas considerações, podemos dizer que a relação jovem-escola pede uma coparticipação dos sujeitos envolvidos nessa prática educativa. E essa coparticipação dos sujeitos no ato de pensar, por sua vez, se dá na comunicação. Desta forma, na comunicação não existem sujeitos passivos. O que caracteriza a comunicação enquanto *comunicar comunicando-se* é sua dialogicidade. Portanto, a relação entre jovem e escola se faz a partir do encontro de sujeitos interlocutores

que buscam a significação dos significados. Nessa comunicação, o jovem é um ser de interação com a realidade, que sente, percebe, sofre e reage. É nessa interação com a realidade que ele se faz um "ser sujeito": proativo, sensível, solidário e disponível. Este é o dizer dos jovens sobre a temática jovem e escola. Trata-se de uma relação que mobiliza o jovem como "pessoa viva": sujeitos não só rodeados pelo mundo, como também constituintes dele. E é com essa vivacidade que os jovens se posicionaram, de forma singular, frente à complexa trama das representações pelas quais geralmente eles são apresentados na vida social. As vozes juvenis aparecem de forma contraditória em vários momentos, mas não deixam de ser singulares e significativas.